

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Jéssica de Souza Domingos

**A PONTE ENTRE O EU E O COLETIVO: A TRANSPOSIÇÃO DA PSICOLOGIA JUNGUIANA PELA
MÚSICA POPULAR**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Ricardo Kamizaki

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **JÉSSICA DE SOUZA DOMINGOS**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202172097A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A PONTE ENTRE O EU E O COLETIVO: A TRANSPOSIÇÃO DA PSICOLOGIA JUNGUIANA PELA MÚSICA POPULAR**, desenvolvido durante o período de setembro de 2025 a janeiro de 2026 sob a orientação de RICARDO KAMIZAKI, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

JÉSSICA DE SOUZA DOMINGOS

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de (☐) 1 ano, ou (☐) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

A PONTE ENTRE O EU E O COLETIVO: A TRANSPOSIÇÃO DA PSICOLOGIA JUNGUIANA PELA MÚSICA POPULAR

Jéssica de Souza Domingos¹

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso propõe uma análise interdisciplinar e comparativa da transposição de conceitos da psicologia de Carl Jung para a música. A pesquisa articula os álbuns *Synchronicity*, da banda britânica *The Police*, e *Map of the Soul*, do grupo sul-coreano BTS, investigando como conceitos como persona, sombra, ego, self e individuação são explorados artisticamente em diferentes épocas e contextos culturais. A metodologia se fundamenta na análise bibliográfica e iconográfica de letras, performances e videocliques. Os resultados indicam que, enquanto o *The Police* aborda a sincronicidade e os arquétipos sob uma perspectiva de angústia existencial e distanciamento crítico, o BTS utiliza a jornada da individuação como uma ferramenta pedagógica de autoconhecimento para o público jovem, ressignificando a "sombra" como etapa necessária para a aceitação do eu. O estudo conclui que a música popular contemporânea atua como um veículo eficaz para a difusão de conceitos densos da psicologia analítica, reafirmando o valor filosófico e ético da expressão artística como ponte entre o inconsciente coletivo e a cultura de massa.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Junguiana. Música Popular. BTS. The Police. Arquétipos.

ABSTRACT

This undergraduate thesis proposes an interdisciplinary and comparative analysis of the transposition of Carl Jung's psychological concepts into music. The research articulates the album *Synchronicity*, by the British band *The Police*, and *Map of the Soul*, by the South Korean group BTS, investigating how concepts such as persona, shadow, ego, self, and individuation are artistically explored across different eras and cultural contexts. The methodology is based on a bibliographic and iconographic analysis of lyrics, performances, and music videos. The results indicate that while *The Police* approaches synchronicity and archetypes from a perspective of existential anguish and critical detachment, BTS utilizes the journey of individuation as a pedagogical tool for self-knowledge aimed at a young audience, redefining the "shadow" as a necessary stage for the acceptance of the self. The study concludes that contemporary popular music acts as an effective vehicle for the dissemination of dense concepts from analytical psychology, reaffirming the philosophical and ethical value of artistic expression as a bridge between the collective unconscious and mass culture.

KEYWORDS: Carl Jung; Analytical Psychology; Archetypology; Pop Music; BTS; The Police

1. INTRODUÇÃO

No vasto campo das Ciências Humanas, a interdisciplinaridade emerge como uma ferramenta fundamental para a compreensão da complexidade da experiência humana. A psicologia, a filosofia e a arte, historicamente abordadas em campos de estudo distintos, possuem uma relação intrínseca que se manifesta de forma potente na cultura popular. Este trabalho de conclusão de curso se insere nesse contexto, propondo uma análise da transposição do pensamento junguiano para a música, com um foco específico no diálogo entre a Psicologia Analítica de Carl Jung e a expressão artística em diferentes épocas.

Partindo do pressuposto de que a arte é um veículo capaz de traduzir conteúdos complexos em experiências acessíveis, esta pesquisa se concentra na análise comparativa de dois álbuns emblemáticos: *Synchronicity*, da banda britânica *The Police*, lançado em 1983, e *Map of the Soul*, do grupo sul-coreano BTS, lançado em 2019. Ambos os trabalhos, embora separados por quase quatro décadas e por contextos culturais distintos, revelam uma notável exploração de ideias arquetípicas e conceitos junguianos como a *persona*, a *sombra*, o *ego*, o *self* e a *individuação*.

Diante disso, a questão central que orienta esta pesquisa é: como a música popular, através de sua linguagem simbólica, reflete e populariza conceitos complexos da psicologia junguiana?

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: jheydomingos@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Ricardo Kamizaki.

A relevância deste estudo reside em sua capacidade de demonstrar como a filosofia e o pensamento erudito permeiam a cultura de massa, desafiando a visão de que a arte popular carece de profundidade. Ao analisar a obra de *The Police* e BTS, este trabalho reafirma o valor filosófico e existencial da expressão artística, evidenciando seu poder como uma ponte entre as dinâmicas do inconsciente coletivo e a expressão artística contemporânea.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar como as ideias de Carl Jung são artisticamente exploradas na música, analisando a forma como as manifestações arquetípicas e o processo de individuação são representados nas letras, performances e vídeos de *Synchronicity* e *Map of the Soul*.

Para tanto, os objetivos específicos incluem:

- Apresentar os conceitos centrais da Psicologia Analítica de Carl Jung que serão aplicados na análise.
- Analisar a fenomenologia das ideias arquetípicas em *Synchronicity*, explorando a visão de *The Police* sobre os conflitos da psique humana.
- Investigar a representação dos estágios da individuação na série *Map of the Soul* do BTS.
- Compreender como a obra foi recebida e interpretada pelo público massivo, analisando a resposta da psique coletiva a estímulos arquetípicos em diferentes culturas.

A metodologia adotada se caracteriza como uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, utilizando do método da hermenêutica simbólica. Este procedimento permite a interpretação profunda dos conteúdos, indo além da análise de conteúdo descritiva para buscar os sentidos arquetípicos latentes nas letras, iconografias e performances dos álbuns selecionados. A análise se fundamenta na revisão da literatura junguiana clássica e contemporânea, aplicada de forma comparativa às obras fonográficas.

A estrutura deste trabalho está organizada em quatro capítulos, além desta introdução e da conclusão. O primeiro capítulo contextualiza a teoria de Jung e os conceitos-chave. O segundo capítulo dedica-se à análise detalhada de *Synchronicity*. O terceiro capítulo examina a série *Map of the Soul*. O quarto capítulo discute a recepção e interpretação dessas obras. Por fim, a conclusão sintetiza os achados da pesquisa e suas implicações para o estudo da arte e da cultura popular.

2. A TEORIA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA DE CARL JUNG: CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA A ANÁLISE ARTÍSTICA

A discussão sobre a influência da música na formação do caráter individual e na ordem social é antiga e fundamental, remontando à filosofia grega. Platão, em obras como *A República*, afirmava que a música não era apenas uma arte, mas uma ferramenta crucial para a educação e para a manutenção da estabilidade sociopolítica (PLATÃO, 2000). Ele acreditava que o ritmo e a harmonia penetravam profundamente na alma, moldando o caráter dos cidadãos. Por essa razão, Platão alertava sobre os perigos da inovação musical sem controle, argumentando que mudanças nos estilos poderiam levar à desordem moral e, consequentemente, à desestabilização do Estado (PLATÃO, 2000).

Nesse sentido, a música e as demais artes vão além do simples entretenimento, servindo como um reflexo complexo e simbólico da experiência humana. Para compreender as camadas mais profundas da criação artística, é necessário utilizar ferramentas teóricas capazes de interpretar sua linguagem simbólica. A Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung (1875-1961) é um referencial teórico robusto que oferece conceitos essenciais para analisar a conexão entre a psique e a produção cultural. O pensamento junguiano se expandiu para além da clínica, alcançando áreas como a estética, a filosofia e a religião (JUNG, 2014a).

Jung propôs que a psique humana é um sistema complexo composto por três esferas principais: a consciência, que é organizada pelo ego (o centro da personalidade consciente); o inconsciente pessoal, que armazena memórias esquecidas e conteúdos reprimidos; e o inconsciente coletivo. Este último é um reservatório psíquico universal, que contém padrões de pensamento e predisposições herdadas comuns a toda a humanidade. É no inconsciente coletivo que se encontram os arquétipos (JUNG, 2014a).

Os arquétipos não são imagens prontas, mas sim "formas sem conteúdo", ou seja, estruturas universais que moldam a percepção e a criação de símbolos. Eles agem como instintos psíquicos. Para esta pesquisa, são relevantes arquétipos como a *Persona* (a "máscara" social que usamos para nos adaptar) e a *Sombra* (os aspectos da personalidade que são reprimidos ou negados, mas que também são fonte de

criatividade). O ponto culminante do desenvolvimento humano, segundo Jung, é o processo de Individuação: um caminho para a singularidade e a totalidade, que envolve a integração de todas as partes da psique, através do diálogo entre o *ego* e o *Self*, o arquétipo central e organizador de toda a psique (JUNG, 2013).

A arte, e em particular a música, é um campo fértil onde esses conceitos se manifestam. Por meio das letras, melodias e performances, a criação artística pode trazer à tona conteúdos do inconsciente coletivo, revelando os arquétipos de forma simbólica. É nessa intersecção entre a complexidade da psique e a expressão artística que se concentra este trabalho, que se aplica ao referencial teórico da Psicologia Analítica para analisar como o inconsciente coletivo é explorado nos álbuns *Synchronicity* e *Map of the Soul*.

3. A SINCRONICIDADE DE *THE POLICE*: A JORNADA DE INDIVIDUAÇÃO

O álbum *Synchronicity*, lançado em 1983, representa o quinto e último registro de estúdio da banda britânica *The Police*. Para além de sua relevância no cenário da música popular, esta obra se estabelece como um marco na incorporação de temáticas filosóficas e psicológicas, atuando como um substrato sonoro para a exploração das teorias de Carl Gustav Jung.

O próprio título do álbum constitui uma alusão direta a um dos conceitos basilares de Jung: a sincronicidade. Segundo Jung (2014b), este termo se refere à ocorrência de eventos coincidentes que parecem ter uma conexão significativa, mas que não estão ligados por uma relação de causa e efeito. O álbum, dessa forma, já na sua nomenclatura, propõe uma investigação sobre a busca por sentido em meio à aparente aleatoriedade dos fenômenos.

A ressonância da psicologia analítica de Jung é perceptível em diversas composições do álbum, as quais funcionam como representações audíveis de conflitos e estruturas arquetípicas da psique. A faixa de abertura, "Synchronicity I", instaura o *ethos* temático, sugerindo que eventos e ideias isoladas podem se manifestar em um padrão unificado, atuando como uma metáfora para a procura de significado na complexidade da existência humana. Contudo, é em canções como "King of Pain", "Wrapped Around Your Finger" e, especialmente, "Every Breath You Take", que a exploração das ideias arquetípicas junguianas parece se aprofundar.

A imagem da Sombra demonstra significância central em "King of Pain". Nesta faixa, o texto expressa um estado de melancolia profunda, onde o eu lírico projeta seu sofrimento interno em elementos do mundo exterior. A imagem de uma "mancha negra no sol" (There's a little black spot on the sun today) serve como uma metáfora poderosa para a Sombra que obscurece a consciência do *Ego*. Esta composição pode ser lida como uma representação do processo de confrontação com a dor e com os aspectos sombrios da alma que, embora dolorosos, são componentes inseparáveis da totalidade psíquica:

"There's a little black spot on the sun today / It's the same old thing as yesterday / [...] I have stood here before inside the pouring rain / With the world turning circles running 'round my brain" (Há uma pequena mancha negra no sol hoje / É a mesma coisa de ontem / [...] Eu já estive aqui antes sob a chuva torrencial / Com o mundo girando em círculos dentro do meu cérebro) (THE POLICE, 1983a).

Essa percepção de um mundo "em círculos" e da mancha no sol sugere uma interpretação do aprisionamento do sujeito em seus próprios complexos, apontando para o impulso psíquico que buscaria atravessar a Sombra em direção à integração da totalidade do *Self*.

A faixa "Wrapped Around Your Finger" possibilita uma leitura das ideias arquetípicas da *Anima* ou *Animus* e da Sombra. A letra descreve uma relação marcada por assimetria de poder e dependência, interpretada sob o prisma junguiano como uma possível projeção da *Anima* (o componente feminino na psique masculina) ou do *Animus* (o componente masculino na psique feminina) de um sujeito no parceiro. O eu lírico, ao tomar consciência dessa dinâmica, sinaliza um despertar para o seu processo de individuação, transitando de uma condição de submissão para uma de autonomia:

"Mephistopheles is not your name / But I know what you're up to just the same / [...] I'll be wrapped around your finger / [...] Then you will find your servant is your master" (Mefistófeles não é o seu

nome / Mas eu sei que você é quase o mesmo / [...] Eu estarei preso em seus dedos / [...] Então você verá que seu discípulo é seu mestre) (THE POLICE, 1983b).

A menção a Mefistófeles, figura demoníaca da lenda alemã de Fausto que simboliza a tentação e o intelecto cínico, evoca uma figura arquetípica de manipulação e poder. O protagonista inicialmente aceita a dependência, mas rapidamente revela uma superação estratégica da projeção. Ao absorver o "ensinamento" do manipulador para depois se libertar, o eu lírico parece simbolizar a integração da Sombra e a recuperação da energia psíquica projetada. É interessante ressaltar a hipótese interpretativa de que o indivíduo encontra sua *Anima* na Sombra, estabelecendo uma relação onde ambos se desenvolvem juntos em direção à individuação.

Em "Every Breath You Take", a exploração da Sombra e da projeção da *Anima* adquire uma conotação mais sombria. Frequentemente interpretada como uma balada romântica, a canção aborda, de fato, a obsessão e o controle. Segundo Sting, em entrevista ao programa *Secrets of the Pop Song*, a letra possui um tom sinistro que manifesta uma vigilância totalitária:

"Every breath you take / And every move you make / Every bond you break / Every step you take / I'll be watching you" (Cada suspiro que você der / E cada movimento que você fizer / Cada laço que você quebrar / Cada passo que você der / Eu estarei te observando) (THE POLICE, 1983c).

Essa vigilância constante pode ser analisada como um campo fértil para a manifestação da Sombra e da *Anima* projetadas no outro, processo no qual o sujeito correria o risco de tornar-se "cego" à alteridade e à pessoa real, priorizando a manutenção de sua própria "Anima idealizada". O término do relacionamento, sob essa ótica, sugere a incapacidade do indivíduo em processar sentimentos internos negativos, resultando em uma possível regressão a um estado de dependência. Como metaforizado na cultura popular brasileira pela lírica de Cazuza (1988), na qual afirma que "mentiras sinceras me interessam", observa-se que o indivíduo pode preferir o domínio da projeção e da ilusão ao confronto doloroso com a realidade psíquica desprovida de máscaras.

A totalidade da obra *Synchronicity* (1983) se organiza, portanto, como a narrativa de uma jornada psíquica marcada pelo conflito e pela busca pela unificação. O álbum se inicia com a proposição de padrões significativos e culmina com a faixa "Tea in the Sahara", que evoca um estado de isolamento e a melancólica procura por conexão.

Essa progressão sequencial das faixas oferece uma base para a hipótese de que a obra espelha a dinâmica do processo de individuação: o sujeito partiria de um estado de fragmentação, confrontaria os desafios da Sombra e das projeções arquetípicas e buscaria, por fim, a estabilidade psíquica. A produção do *The Police*, nesse sentido, se apresenta como um objeto de estudo que convida à reflexão sobre a trajetória humana em direção ao autoconhecimento.

4. O MAPA DA ALMA DO BTS: O *IDOL* COMO ALEGORIA JUNGUIANA E A JORNADA DE INDIVIDUAÇÃO

Décadas após o lançamento do álbum *Synchronicity*, da banda *The Police*, cuja exploração dos temas psíquicos ocorreu de forma mais contextual e sutil, o grupo sul-coreano BTS apresentou ao mundo a série de álbuns *Map of the Soul: Persona* (2019) e sua continuação, *Map of the Soul: 7* (2020). Em conjunto, essa série constitui uma jornada musical explícita e intencional pelos conceitos centrais da Psicologia Analítica de Carl Jung.

Em um contraste notável com a abordagem de *The Police*, o BTS (formado pelos sete integrantes: Jin, Suga, J-Hope, RM, Jimin, V e Jungkook) e sua agência, *Big Hit Entertainment*, declararam publicamente que a série *Map of the Soul* foi diretamente inspirada na obra *Jung: O Mapa da Alma*, do psicólogo Murray Stein. Este livro é reconhecido por destilar as complexas teorias junguianas para um público mais amplo. Essa escolha consciente e declarada transforma o projeto *Map of the Soul* em um estudo de caso significativo sobre como a cultura popular pode ser empregada como um veículo de autoconhecimento e educação.

A intencionalidade do BTS em usar a música para explorar a psique se alinha com o pensamento de filósofos clássicos que já reconheciam o poder formativo da arte. É possível traçar um paralelo com as ideias de Aristóteles, para quem a música, assim como a poesia, possui a capacidade de evocar a catarse (Aristóteles, Poet. 1449b), permitindo ao espectador ou ouvinte a purgação de emoções. Nesse sentido, a música do BTS pode não apenas representar a jornada de individuação de seus criadores, mas também oferecer ao seu público global uma experiência de descarga emocional e reflexão coletiva sobre os desafios da identidade. A audição (e a dança) da música do BTS é capaz de permitir a expressão e a integração segura de energias emocionais e instintivas que, de outra forma, ficariam reprimidas na Sombra individual ou coletiva. Desse modo, é possível que a arte atue na liberação da Sombra, facilitando o processo de individuação do público.

A jornada do BTS é uma representação do processo de individuação em sua forma mais literal e sequencial, concentrando-se nos arquétipos da *Persona*, da Sombra, do *Ego* e da realização do *Self* (Si-mesmo). O primeiro álbum da série começa com a faixa "Intro: Persona", interpretada por RM, que questiona "나는 누구인가" (Quem sou eu?), abordando a própria natureza de sua *Persona* como um ídolo global. A letra reflete a luta interna entre a imagem pública cuidadosamente construída e a identidade real do artista, um dilema que ressoa profundamente com as pressões sociais impostas aos jovens na era das redes sociais. Esse questionamento da máscara social é o passo inicial e crucial para o autoconhecimento, como se depreende do verso:

"How you feel? 지금 기분이 어때? / 사실 난 너무 좋아, 근데
조금 불편해 / 나는 내가 개인지 돼진지 원지도 아직 잘
모르겠는데 / 남들이 와서 진주목걸일 거네 캅 튜 /
예전보단 자주 웃어 / 소원했던 superhero / 이젠 진짜 된 것
같어 / 근데 갈수록 원 말들이 많아 / 누군 달리라고 누군
멈춰서라 해" (Como você se sente? Como você está se
sentindo agora? / Na verdade, eu estou muito bem, mas um
pouco desconfortável / Ainda não tenho certeza se sou um
cachorro, um porco ou outra coisa / Mas aí outras pessoas vêm e
colocam um colar de pérolas em mim, pfft / Eu rio mais do que ria
antes / O super-herói que eu desejava ser / Agora parece que eu
realmente me tornei um / Mas, conforme o tempo passa, tem
tanta falação / Uns dizem pra correr, outros dizem pra parar)
(BTS, 2019a).

Essa dúvida sobre a *Persona* é um ponto de identificação universal, pois representa o momento em que o indivíduo questiona se está vivendo uma vida autêntica ou apenas desempenhando um papel esperado pela família ou pelo grupo social. É o dilema comum de tentar equilibrar as expectativas externas com o eu verdadeiro, o que marca o rompimento inicial com a *Persona* e o início do caminho rumo à individuação.

Após o rompimento com a *Persona*, a progressão temática conduz o grupo ao doloroso e necessário confronto com a Sombra, o lado inconsciente e reprimido da personalidade.

A faixa "Interlude: Shadow", interpretada por Suga, marca a entrada no arquétipo da Sombra. Um dos integrantes do grupo externaliza as ansiedades e os medos que acompanham o sucesso vertiginoso, sendo a composição estruturada como um diálogo entre o *Ego* e a Sombra. A letra se inicia com a enunciação dos desejos explícitos do *Ego* em busca da realização profissional e do *status*:

"I wanna be a rap star / I wanna be the top / I wanna be a rockstar
/ I want it all mine / I wanna be rich / I wanna be the king / I wanna
be me / I wanna a big thing" (Eu quero ser uma estrela do rap /
Eu quero ser o melhor / Eu quero ser uma estrela do rock / Eu
quero que tudo seja meu / Eu quero ser rico / Eu quero ser o rei /
Eu quero ser eu / Eu quero algo grande) (BTS, 2020a).

Contudo, rapidamente a canção se converte em um confronto com o custo desse sonho, evidenciado na relação inversamente proporcional entre fama e medo:

“내 그림자 / 두려워, 높게 나는 게 난 무섭지 / 아무도 말 안 해줬잖아, 여기가 얼마나 외로운지 말야 / 나의 도약은 추락이 될 수 있단 걸 / 이제 알겠어, 때론 도망이 차선이란 걸 (pause) / 사람들은, 뭐, 말하지, 저 빛 속은 찬란하네 / 근데 내 그림자는 되려 더 그저 나를 삼켜 괴물이 돼” (Tão escura quanto a intensidade da luz / Eu estou com medo, voar tão alto é assustador / Ninguém me disse o quanto era solitário aqui em cima / Eu posso dar um salto no ar, mas também posso cair / Agora eu sei que fugir pode ser uma opção também (pause) / As pessoas dizem que é grandioso estar sob essa brilhante luz / Mas minha sombra que cresce me engole e se torna um monstro” (BTS, 2020a).

O refrão vocaliza o terror de atingir o auge, expressando a profunda angústia existencial:

“가장 밑바닥의 나를 마주하는 순간 / 공교롭게도 여긴 창공이잖아 / Please, don't let me shine / Don't let me down / Don't let me fly / 이제는 무서워 / Don't let me shine” (O momento em que eu me vejo no meu pior / É também o momento em que estou voando o mais alto / Por favor, não me deixe brilhar / Não me deixe cair / Não me deixe voar / Eu estou com medo agora / Não me deixe brilhar.) (BTS, 2020a).

O videoclipe de "Interlude: Shadow" atua como uma rica ferramenta visual para reforçar o confronto com o arquétipo. Suga é confrontado por um espelho trincado, um simbolismo que pode denotar a fragmentação do *Ego* e o iminente colapso da *Persona* sob a pressão midiática. O clímax visual se manifesta quando o artista é cercado e perseguido por uma multidão de figuras sombrias portando celulares e câmeras. Essa horda anônima projeta a Sombra na forma de um público insaciável que busca "engolir" a identidade privada do artista, ilustrando o caos interno da psique antes da integração.

A representação da Sombra nesse contexto é multifacetada: não se trata meramente de um aspecto a ser reprimido, mas de uma parte inseparável da totalidade do ser, um elemento que, se não for integrado à consciência, tem o potencial de consumir o indivíduo. O momento final da faixa é decisivo para a busca pela totalidade (o *Self*): a voz da Sombra afirma "그래 너는 나고 나는 너야, 이제 알겠지 / 우린 한 몸인 것도,..." (É, você sou eu, eu sou você, agora você sabe / Nós somos um só corpo,...), estabelecendo a unidade paradoxal entre a luz (sucesso) e a escuridão (medo) e representando o momento crucial da integração da Sombra (STEIN, 2006).

Avançando na exploração lírica da Sombra, a faixa "Black Swan" aborda o medo da "primeira morte" do artista, que não é a morte física, mas sim a perda da paixão pela arte. Essa metáfora se conecta diretamente com a Sombra Coletiva, pois o medo de perder a essência criativa reflete a ansiedade da sociedade em relação à perda de propósito e significado. A canção descreve um lento afundamento em um vazio onde "nenhuma música me afeta mais", ilustrando o perigo da repressão psíquica e da anestesia emocional. O trecho destaca essa sensação de perda e desespero:

“이게 나를 더 못 울린다면 / 내 가슴을 더 떨리게 못 한다면 / 어쩔 이렇게 한 번 죽겠지 아마 / But what if that moment's right now? [...] / 떼 노래도 와닿지 못해 / 소리 없는 소릴 질러 [...]” (Se isso não consegue mais ressoar / Não faz mais o meu coração vibrar / Então isso pode ser considerado a minha primeira morte / Mas e se isso estiver acontecendo agora mesmo? [...] / Nenhuma música me afeta mais / Chorando em um grito silencioso [...]) (BTS, 2020b).

Em termos gerais, esse sentimento é profundamente identificável, pois representa o medo universal de perder a capacidade de sentir prazer ou entusiasmo por aquilo que antes definia a pessoa.

Nesse sentido, a música é nitidamente inspirada no filme *Cisne Negro* (*Black Swan*, 2010), que, por sua vez, é uma releitura do balé *O Lago dos Cisnes*. No filme, a protagonista, Nina Sayers, busca

desesperadamente a perfeição para interpretar a dupla Odette (Cisne Branco) e Odile (Cisne Negro). O filme serve como uma potente alegoria junguiana sobre a busca pela totalidade (o *Self*) e o perigo da não-integração da Sombra. Para ser o Cisne Negro, a inocente Nina precisa confrontar e incorporar seus aspectos reprimidos de sensualidade, agressividade e liberdade — sua Sombra. A pressão pela perfeição e a obsessão artística levam Nina a uma espiral de paranoia e colapso psíquico, culminando em sua morte no palco como um sacrifício pela arte perfeita.

O BTS transpõe esse drama da bailarina para a experiência do ídolo. A perda da paixão cantada na letra é o análogo da deterioração da sanidade de Nina. Ambos os contextos, o filme e a música, exploram a ideia de que a busca obsessiva pela perfeição pública (*Persona*) exige um custo psíquico destrutivo, no qual o artista deve "matar" a si mesmo para atingir a maestria.

A temática da Sombra é intensificada pela coreografia da música, que mistura o balé contemporâneo com movimentos de dança urbana. Essa fusão reflete o conflito interno e a luta pela totalidade. A dança é marcada por momentos de grande tensão e colapso físico, com movimentos que simulam a tentativa de escapar de algo que agarra o corpo, ou a dor da alma. Em vários momentos, os braços dos integrantes são usados para criar a imagem de asas de cisne, que se curvam, se contorcem e caem, simbolizando a fragilidade do artista e a morte iminente de sua arte. A força expressiva da dança, portanto, não apenas ilustra o texto, mas atua como a manifestação somática da angústia da Sombra antes que ela seja integrada.

Embora a série *Map of the Soul* não explore de forma explícita os arquétipos da *Anima* e do *Animus* nas faixas analisadas, a progressão lírica e temática sugere uma transição coesa para a fase de aceitação e integração, processos fundamentais para a aproximação do *Self* (Si-mesmo), o arquétipo da totalidade na *psique* junguiana. A hipótese de integração da Sombra e a reconciliação com o *Ego* parecem se materializar em faixas como "Louder than Bombs", "ON", "00:00 (Zero O'Clock)", "Inner Child" e "Outro: Ego".

A faixa "ON", interpretada como um hino de autoconfiança e resiliência, promove a aceitação tanto da luz quanto da escuridão inerentes à jornada existencial. Nessa composição, o grupo sinaliza a aceitação do destino e das adversidades, incluindo o reconhecimento da Sombra:

"Look at my feet, look down / 날 뒀은 그림자 [...]" (Olhe para os meus pés, olhe para baixo / A sombra se assemelha a mim [...]) (BTS, 2020c).

"Bring the pain 모두 내 피와 살이 되겠지 / Bring the pain, no fear, 방법을 알겠으니 [...]" (Traga a dor, ela vai se tornar meu sangue e minha carne / Traga a dor, sem medo, agora que eu sei o caminho [...]) (BTS, 2020c).

Em seguida, a faixa "00:00 (Zero O'Clock)" aborda a experiência de dias difíceis, nos quais o indivíduo pode sentir-se desvalorizado. O conceito central da faixa parece ser a renovação cíclica. A letra sugere que a virada para a meia-noite (00:00) representa um ponto de recomeço: o "tempo perfeito" para que o peso emocional seja simbolicamente processado. Essa ideia de reinício evoca uma possível conexão arquetípica com o conceito de renovação do *Self*. O momento liminar (a meia-noite) indicaria o espaço simbólico entre o consciente e o inconsciente, onde o *Ego* pode buscar reorientação.

Nesse sentido, cabe uma nota sobre a análise cultural contemporânea entre essa canção e a narrativa do romance *A Biblioteca da Meia-Noite* (2020), de Matt Haig. A coincidência central reside na exploração do instante da meia-noite como um ponto de virada. Na composição musical, o horário é retratado como um marco de "reset" psicológico. De modo análogo, no contexto literário, este horário estabelece o limiar que possibilita o acesso a realidades alternativas para a reavaliação existencial. Essa sinergia de ideias sugere que o conceito da meia-noite, enquanto símbolo de transformação, possui grande ressonância na cultura popular do século XXI, refletindo, possivelmente, uma busca coletiva por renovação frente à complexidade contemporânea.

A conclusão da jornada no álbum se manifesta na aceitação das partes constituintes do eu. A faixa "Inner Child" trata especificamente da cura da "criança interior" e da aceitação de experiências passadas:

"이제 우리 많이 웃었음 해 / 관찰을 가야 오늘의 내가
관찰으니까 / 어제의 너 이젠 다 보여 / 움트던 장미 속

많은 가시 안아주고 싶어 / 미소진 꼬마 마냥 해맑게 웃던
아이 / 그런 널 보면 자꾸 웃음이 나와" (Agora eu gostaria
que sorrissemos mais / Vai ficar tudo bem, porque o eu de hoje
está bem / O você de ontem, está tudo claro agora / Eu quero
abraçar os muitos espinhos da rosa que costumava brotar / A
criança sorridente, que costumava rir radiante / Quando eu te vejo
assim, eu continuo rindo) (BTS, 2020d).

A faixa "Outro: Ego", interpretada por J-Hope, marca o encerramento simbólico da série e sinaliza uma etapa avançada do processo de individuação. Sob a ótica da Psicologia Analítica, o Ego é o centro da consciência. Após o confronto com a Sombra (em "Interlude: Shadow"), "Outro: Ego" surge como uma celebração da estabilidade egóica. Diferente da angústia anterior, a sonoridade vibrante sugere uma reconciliação; o eu lírico integra feridas e erros passados à sua narrativa vital. Como afirma Jung, o desenvolvimento da personalidade busca que o *Ego* se torne consciente de sua relação com o *Self*, e esta faixa parece ilustrar esse despertar através da declaração: "*Just trust myself*".

Por fim, a mensagem sinaliza que a individuação não deve ser entendida como um processo linear rumo à perfeição, mas como um caminho contínuo de integração das complexidades do ser. O sucesso global do BTS e a repercussão de *Map of the Soul* oferecem indícios do potencial da arte como ponte entre o inconsciente coletivo e a expressão contemporânea. A jornada do grupo apresenta-se como uma metáfora para a busca por significado, sugerindo que a profundidade filosófica e psicológica pode ocupar um lugar central e relevante na cultura popular.

5. O INCONSCIENTE COLETIVO E O FANDOM: A ARTE COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO

O sucesso expressivo e a repercussão da série de álbuns *Map of the Soul*, do grupo BTS, parecem não se limitar à inovação estética, se ancorando, possivelmente, na mobilização de estruturas psíquicas universais no público.

O conceito de inconsciente coletivo, introduzido por Carl Gustav Jung, difere do inconsciente pessoal por ser uma camada mais profunda e impessoal da psique. Ele é definido como um depósito de experiências ancestrais e padrões de comportamento herdados, manifestados através de arquétipos, como a Persona, a Sombra e o Self. Os arquétipos, em si, são formas primordiais que moldam a experiência humana, aparecendo de modo fenomênico em mitos, religiões e, de forma potente, nas manifestações artísticas.

A recepção global de uma obra de arte como *Map of the Soul* pode ser compreendida pela eficácia com que essa obra constrói imagens arquetípicas no inconsciente coletivo do público. A narrativa da jornada de individuação do BTS, ao abordar a confrontação da Sombra e a busca pela totalidade, sugere um diálogo com tensões e lutas universais que podem transcender barreiras culturais e linguísticas.

Para fundamentar o potencial da música em dialogar com a essência arquetípica, pode-se recorrer à estética de Arthur Schopenhauer. Para o filósofo, a música ocupa o lugar mais elevado na hierarquia das artes. Ao contrário das outras formas de expressão, que seriam cópias das Ideias (objetivações da Vontade), a música seria uma "cópia imediata da própria Vontade" (SCHOPENHAUER, 2005). Segundo o autor, a música expressa a "vontade em si", sem a mediação das ideias:

"De fato, a música é uma tão IMEDIATA objetivação e cópia de toda a VONTADE, como o mundo mesmo o é, sim, como as Ideias o são, cuja aparição multifacetada constitui o mundo das coisas particulares. A música, portanto, de modo algum é semelhante às outras artes, ou seja, cópia de Ideias, mas CÓPIA DA VONTADE MESMA, cuja objetividade também são as Ideias. Justamente por isso o efeito da música é tão mais poderoso e penetrante que o das outras artes, já que estas falam apenas de sombras, enquanto aquela fala da essência." (SCHOPENHAUER, 2005, p. 338-339).

Nessa perspectiva, quando o BTS aborda temas como a Sombra ou a Persona, a melodia, a harmonia e o ritmo podem expressar a experiência arquetípica dessa luta psíquica de forma simbólica e pré-conceitual. Essa capacidade da música de evocar conteúdos arquetípicos em um nível análogo ao da Vontade schopenhaueriana é uma hipótese que explica o profundo impacto de *Map of the Soul* na psique de seus ouvintes, apresentando-se como uma mediação simbólica eficaz entre a obra e o público.

O *fandom* ARMY, ao se engajar com a série, participa de um fenômeno que sugere uma identificação arquetípica coletiva. A jornada de individuação narrada pelo BTS parece ser assimilada pelos fãs como um espelho de suas próprias trajetórias internas. De acordo com a perspectiva junguiana, essa manifestação na psique coletiva do *fandom* ocorreria, possivelmente, de duas formas:

A primeira dessas dinâmicas envolve, possivelmente, o mecanismo de projeção. O fã, ao se identificar com as vulnerabilidades expostas em faixas como "Black Swan" ou "Interlude: Shadow", encontra um campo fértil para projetar suas próprias expressões e conteúdos sombrios na figura do *idol*. Contudo, a proposta estética do BTS parece sugerir um redirecionamento dessa projeção, transformando-a em um convite à integração da Sombra. Ao observar o artista nomear e simbolizar seus próprios aspectos sombrios, como a ambição e o temor do declínio, o indivíduo pode se sentir encorajado a iniciar um movimento reflexivo análogo em sua própria psique. Tal fenômeno reforça a hipótese interpretativa de que a arte pode atuar como um instrumento de reflexão terapêutica coletiva, oferecendo subsídios para que a Sombra seja reconhecida como parte integrante da totalidade do ser.

A segunda forma de manifestação reside na construção de uma identidade coletiva resiliente. Através de composições como "ON" e "00:00 (Zero O'Clock)", o grupo oferece uma narrativa onde o sofrimento e a queda não se apresentam como fins em si mesmos, mas como etapas simbólicas necessárias para o fortalecimento do *Ego* em direção ao *Self*. Essa estrutura narrativa comum pode favorecer um senso de pertencimento e uma rede de apoio mútua, com o potencial de transmutar angústias individuais em uma forma de resiliência coletiva. O ARMY, portanto, não apenas consome o produto fonográfico, mas parece utilizar o "Mapa da Alma" proposto pelo grupo como uma ferramenta de navegação psíquica. O alcance global do grupo, nesse sentido, sinaliza o potencial da arte em atuar como ponte entre as dinâmicas do inconsciente e a cultura contemporânea, sugerindo que a complexidade psicológica e filosófica pode ocupar um lugar central e significativo na cultura popular.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa entre o álbum *Synchronicity* (1983), da banda *The Police*, e a série *Map of the Soul* (2019-2020), do grupo BTS, revelou pontos significativos sobre como a música popular incorpora e transpõe o pensamento junguiano para a cultura de massa. A investigação sugere que, embora ambas as obras dialoguem com a mesma base teórica, elas o fazem por caminhos distintos, evidenciando a evolução da música como veículo de difusão de conceitos psicológicos e filosóficos.

Em *Synchronicity*, se observou que a fenomenologia das ideias arquetípicas ocorre de maneira subjacente. O álbum utiliza o conceito de sincronicidade como um princípio filosófico para descrever a interconexão do mundo, sem estabelecer uma estrutura declaradamente pedagógica. A presença de imagens associadas à Sombra e à *Anima* em faixas como "King of Pain" e "Every Breath You Take" foi identificada nesta pesquisa por meio da análise do simbolismo implícito, caracterizando o que se pode definir como uma reflexão arquetípica orgânica e espontânea.

Em contraste, a série *Map of the Soul* se apresenta como uma transposição intencional e sistemática do pensamento de Carl Jung. Ao se fundamentarem na obra de Murray Stein, o BTS e a *Big Hit Music* (antiga *Big Hit Entertainment*) propuseram uma narrativa que funciona como um roteiro simbólico da psique. A análise indicou um mapeamento sequencial: a apresentação da Persona em "Intro: Persona", o embate com a Sombra em "Interlude: Shadow" e "Black Swan", e a busca pela integração do *Self* em "Outro: Ego", "ON", dentre outras.

Essa distinção permite inferir que a música popular reflete e populariza conceitos da psicologia junguiana de duas formas complementares. O *The Police* exemplifica a arte como um espelho das dinâmicas do inconsciente, onde os temas emergem de forma poética. Já o BTS ilustra a arte como uma ponte estruturada, traduzindo uma teoria densa em uma narrativa acessível para uma audiência global e hiperconectada.

Os achados indicam que a música atua como um veículo capaz de converter conteúdos abstratos em experiências sensoriais. Ao expressar a jornada humana através de símbolos universais, o BTS parece não apenas validar o sofrimento individual, mas constelar a busca pela individuação na psique coletiva de seu público. O engajamento do *fandom* ARMY com a temática da jornada interior sugere que, quando imagens arquetípicas são apresentadas com autenticidade, a arte pode transcender o entretenimento e atuar como um convite ao autoconhecimento.

Em suma, este estudo reforça a hipótese de que a música é uma linguagem que dialoga diretamente com o inconsciente. Ao popularizar conceitos como Ego, Persona, Sombra e Self, a produção do BTS sinaliza um cenário em que a cultura popular serve como ferramenta de reflexão emocional. A arte, portanto, não apenas descreve a realidade psíquica, mas oferece instrumentos simbólicos para que o indivíduo compreenda sua própria trajetória, se consolidando como uma ponte entre a subjetividade individual e o coletivo.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.

BTS (방탄소년단) '**Intro : Persona' Comeback Trailer**. Direção: YongSeok Choi (Lumpens). Seul: Big Hit Entertainment, 2019a. Disponível em: <https://youtu.be/M9Uy0pVF3s?si=KFdua6YDs9xJ7n5>. Acesso em: 12 out. 2025.

BTS (방탄소년단) '**Black Swan' Official MV**. Direção: YongSeok Choi (Lumpens). Seul: Big Hit Entertainment, 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0lapF4DQPKQ>. Acesso em: 12 out. 2025.

BTS (방탄소년단) '**Interlude : Shadow' Comeback Trailer**. Direção: Oui Kim. Coreia do Sul: Big Hit Entertainment, 2020a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PV1gCvzpSy0>. Acesso em: 12 out. 2025.

BTS. **Inner Child**. In: Map of the Soul: 7.: Big Hit Entertainment, 2020d. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/25MHcbjvSdcfTiFgbKJiZF?si=3dc0058baa9e47a2>. Acesso em: 12 out. 2025.

BTS (방탄소년단) '**ON' Official MV**. Direção: YongSeok Choi (Lumpens). Seul: Big Hit Entertainment, 2020c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mPVDGOVjRQ0>. Acesso em: 5 jan. 2026.

CAZUZA; FREJAT, Roberto. **Maior abandonado**. Intérprete: Barão Vermelho. In: MAIOR abandonado. Rio de Janeiro: Som Livre, 1984. 1 disco sonoro. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/30VpflcLiuLYN3HHjrpWJ7?si=b82941c6ca4d405f>. Acesso em: 5 jan. 2026.

CISNE Negro. Direção: Darren Aronofsky. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures, 2010. 1 longa-metragem (109 min). Disponível em: <https://www.disneyplus.com>. Acesso em: 20 set. 2025.

HAIG, Matt. **A biblioteca da meia-noite**. Tradução de Adriana Fidalgo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

JUNG, Carl Gustav. **Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Obras completas de C. G. Jung, v. 9, t. 2).

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014a. (Obras completas de C. G. Jung, v. 9, t. 1).

JUNG, Carl Gustav, **Sincronicidade: a Dinâmica do Inconsciente**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014b. (Obras completas de C. G. Jung, v. 8, t. 3).

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 2000.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Ed Unesp, 2005.

STEIN, Murray. **Jung: o mapa da alma. Tradução de Álvaro Cabral**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TCHAIKOVSKY, Pyotr Ilyich. **O Lago dos Cisnes (Swan Lake)**, Op. 20. Composto em 1876.

THE POLICE. **Synchronicity I**. In: Synchronicity.: A&M Records, 1983a. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0eZvCQAK6hsPSlcfqzREvB?si=443c24565a604693>. Acesso em: 12 out. 2025.

THE POLICE. **Wrapped Around Your Finger**. In: Synchronicity.: A&M Records, 1983b. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/400ZJAUFeuIGXhr7ie4xf?si=833468c65ecc4605>. Acesso em: 12 out. 2025..

THE POLICE. **Every Breath You Take**. In: Synchronicity.: A&M Records, 1983c. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/1JSTJqkT5qHq8MDJnJbRE1?si=33621a57fb474d26>. Acesso em: 12 out. 2025.

VIDEOS APOIO. **Every Breath You Take Explained Sting**. 27 set. 2020. 1 vídeo (3min48s). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=7KYaWSOCnQ>. Acesso em: 12 out. 2025.